

# VIA TEOLÓGICA

Volume 25 – Número 49 – jun. / 2024

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

ARTIGO

---

## O DESENVOLVIMENTO DA FÉ EM BEBÊS (CRIANÇAS DE 0-2 ANOS)

*Ma. Jaqueline Nickel*



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons. Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

# O DESENVOLVIMENTO DA FÉ EM BEBÊS (CRIANÇAS DE 0-2 ANOS)

THE DEVELOPMENT OF FAITH IN BABIES (CHILDREN 0-2 YEARS  
OLD)

*Ma. Jaqueline Nickel<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Mestre em Teologia pela EST (São Leopoldo / RS). Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. Licenciada em Pedagogia. E-mail: jaquelinenickel@batistapioneira.edu.br

## RESUMO

A busca por desenvolver a espiritualidade é intrínseca ao ser humano, por isso, o presente trabalho propõe-se a analisar como ocorre o desenvolvimento da fé em bebês, com idade entre zero e dois anos. Não se espera que as crianças em idade de berçário, declarem ou defendam a sua fé, muito menos uma religião, porém estudos comprovam que imagens de Deus já estão sendo formadas em seu interior. Sendo assim, o artigo busca demonstrar como ocorre a formação da fé na vida dos bebês de zero a dois anos, baseando-se principalmente no estágio da “Fé Indiferenciada” proposto por James W. Fowler e no estágio “Confiança Básica versus Desconfiança Básica” apresentado por Erik Erikson. Percebe-se que o papel e o exemplo da família são de fundamental importância para que esse processo de desenvolvimento da fé ocorra de forma saudável e assim contribua com o desenvolvimento integral do bebê.

**Palavras-chave:** Fé. Bebês. Berçário. Espiritualidade.

## ABSTRACT

The search for developing spirituality is intrinsic to the human being, therefore, the present work aims to analyze how the development of faith occurs in babies, aged between zero and two years. Children of nursery age are not expected to declare or defend their faith, much less a religion, but studies prove that images of God are already being formed within them. Therefore, the article seeks to demonstrate how the formation of faith occurs in the lives of babies aged zero to two years, based mainly on the “Undifferentiated Faith” stage proposed by James W. Fowler and the “Basic Trust versus Basic Distrust” stage, presented by Erik Erikson. It is clear that the role and example of the family are of fundamental importance for this process of faith development to occur.

in a healthy way and thus contribute to the integral development of the baby.

**Keywords:** Faith. Babies. Nursery. Spirituality.

## INTRODUÇÃO

Quando nasce a fé? A partir de que momento a fé é identificada na vida de um bebê? Quais sinais indicam que o bebê tem fé? Esses são questionamentos que ainda não têm respostas definitivas, somente algumas possibilidades e caminhos através de estudos e pesquisas. Antes de referir-se especificamente ao desenvolvimento da fé nos bebês, faz-se necessário apresentar algumas definições importantes sobre a fé. O dicionário Michaelis traz os seguintes significados para a palavra fé:

1. Convicção da existência de algum fato ou da veracidade de alguma asserção; credulidade, crença. 2. Conjunto de ideias e crenças de determinada religião ou doutrina. 3. A primeira das três virtudes teológicas. 4. Fidelidade a compromissos e promessas; confiança, crédito: Homem de fé. 5. Confirmação de algum fato; comprovação, corroboração, validação. 6. JUR Credibilidade que se deve atribuir ao fato (ou ao documento) em que se fundamenta, daí resultando a veracidade mesma do fato; verdade afirmada ((MICHAELIS <<http://michaelis.uol.com.br>>).

Como pode-se perceber, fé é uma palavra que tem vários sentidos dependendo do contexto em que é utilizada. O site InfoEscola apresenta a seguinte explicação:

Ter fé é crer firmemente em algo, sem ter em mãos nenhuma evidência de que seja verdadeiro ou real o objeto da crença. Este termo vem do grego *pistis*, traduzido por confiança, firme convencimento. Assim, a palavra fé pode ser entendida como acreditar, confiar. A fé não demanda provas materiais, pode surgir sem nenhum motivo aparente, estar ligada a razões ideológicas, emocionais, religiosas, ou a outra razão qualquer (SANTANA, 2007).

Analisando essas definições, pode-se afirmar de uma forma bem simples e sucinta que fé é crer/confiar em algo ou al-

guém, mesmo que não se tenha provas visíveis e palpáveis de sua existência. Convém ressaltar que, mesmo no cristianismo, se pode diferenciar a fé, utilizando uma explicação simplificada, entre fé comum, que é crer que Deus existe, e fé salvífica, que é crer na obra redentora de Jesus. Esse artigo não se refere à fé salvífica, mas sim à fé no sentido de crer em algo ou alguém, nesse caso, Deus.

## 1. A FÉ NOS BEBÊS (CRIANÇAS DE 0-2 ANOS)

James W. Fowler (1940-2015), que foi professor de teologia e desenvolvimento humano nos EUA, é importante referência nas pesquisas com relação ao desenvolvimento da fé, tendo construído uma teoria dos Estágios da Fé, a qual está baseada nos estudos das teorias de Jean Piaget (1896-1980), Erik Erikson (1902-1994) e Lawrence Kohlberg (1927-1987). Em seu livro *Estágios da Fé*, ele apresenta vários aspectos e características da fé, entre eles, destaca-se:

[...] a fé é uma resposta à ação e ao ser que precede e transcende a nós e a nossa espécie; a fé é a formação de imagens de, e relação com, aquilo que exerce em nossa vida iniciativas que são qualitativamente diferentes daquelas que ocorrem em relações estritamente humanas (FOWLER, 1992, p. 39).

Indo ao encontro deste conceito, AmatuZZi, em um artigo sobre o desenvolvimento religioso, diferencia fé humana de fé religiosa:

O termo fé, em geral, ou **fé humana**, [...] refere-se àquilo que, para a pessoa, na prática, lhe dá o sentido último de viver, seja lá o que for; seja alguma coisa que realmente mereça fé, seja alguma coisa que não o mereça. [...] É nossa confiança básica, aquilo pelo que vivemos. Seu oposto seria uma forma básica de não confiar,

e consequentemente de fechar-se. [...] A fé se torna **fé religiosa** quando passa a ter um objeto transcendente, um pólo objetivo absoluto incondicionado, afirmado implicitamente no interior do próprio dinamismo de confiança que a constitui (AMATUZZI, In: PAIVA, 2001, p. 30).

Interessante relacionar a “primeira idade” da teoria das “Oito Idades do Homem” proposta por Erik Erikson a essa definição de fé humana apresentada por AmatuZZi, pois ela denomina-se “Confiança Básica versus Desconfiança Básica”. De acordo com Erikson, “a primeira demonstração de confiança social da criança pequena é a facilidade de sua alimentação, a profundez de seu sono e a relaxação de seus intestinos” (ERIKSON, 1971, p. 227). Ele afirma que a mutualidade criada entre o bebê e seus pais ou cuidadores é decisiva para a confiança não somente neles, mas também em si mesmo futuramente. Criando um paralelo com a fé humana apresentada por AmatuZZi, pode-se entender que, possivelmente, a pessoa desenvolverá sua fé se nos primeiros anos de sua vida tiver passado por essa primeira idade de conflito entre confiança básica versus desconfiança básica, tendo preponderado em suas relações com seus provedores o sentimento de confiança básica.

Por isso a importância da qualidade da relação materna com o bebê. A respeito disso, Erikson destaca “[...] a soma de confiança derivada das primeiras experiências infantis não parece depender de quantidades absolutas de alimento ou de demonstrações de amor, mas antes da qualidade da relação materna” (ERIKSON, 1971, p. 229). Essas experiências criam um sentimento de confiança através do cuidado sensível e do sentimento de fidedignidade pessoal que criará na criança a base para uma formação de sua identidade e, posteriormente, da sua fé. Sendo assim, Fowler ressalta que:

A qualidade da primeira mutualidade da criança provavelmente exercerá um poder paradigmático ou padronizador em suas formas de enfrentar

futuros relacionamentos. Quando a proporção entre confiança e desconfiança é favorável, surge aquela virtude ou força do ego que chamamos de esperança (FOWLER, 1992, p. 55).

Iris Serbena, em seu livro *Fé e vida crescem juntas*, ressalta que “a infância é tempo de abrir caminhos, é tempo de semear a fé” (SERBENA, 1986, p. 27). Está comprovado pela ciência que as primeiras impressões, sejam elas positivas ou negativas, recebidas pelos bebês, perdurarão para toda a vida. O desenvolvimento da fé nessa fase ainda é um assunto pouco explorado, pois trata-se de uma fase em que a linguagem está em formação. No entanto, faz-se necessário destacar que,

A fé é um universal humano. Ao nascer, somos dotados com capacidades inatas para a fé. A maneira pela qual essas capacidades são ativadas e crescem depende grandemente de como somos recebidos no mundo e do tipo de ambiente em que crescemos. A fé é interativa e social, requer comunidade, linguagem, ritual e alimentação. A fé também é moldada por iniciativas que vêm de além de nós e de outras pessoas, iniciativas de espírito ou graça. A maneira pela qual essas iniciativas são reconhecidas e expressas em imagens, ou despercebidas e ignoradas, afeta poderosamente a configuração da fé em nossas vidas (FOWLER, 1992, p. 10-11).

Os primeiros contatos com a fé na primeira infância têm tanta importância que influenciam a fé para a vida toda. Fowler salienta que as primeiras experiências de fé e fidelidade na vida das pessoas começam com o nascimento: o grau de fidelidade pela qual os adultos recebem e acolhem os bebês produz, nestes, as primeiras intuições acerca de como é o mundo, de como eles o consideram e se podem se “sentir em casa” nele (FOWLER, 1992, p. 25).

Esse senso de fidedignidade e confiabilidade que os pais ou provedores transmitem ao bebê ocorre mais pela qualidade e consistência de seus cuidados do que pela quantidade de alimentos que proporcionam. Fowler afirma que, segundo Erikson,



O estabelecimento de uma mutualidade confiável entre os provedores e o bebê, expressa e renovada diariamente em rituais de cuidado e interação, proporciona um fundamento que capacita o infante a manter confiança face às separações e à diluída atenção maternal da segunda metade do primeiro ano (FOWLER, 1992, p. 54).

Os bebês experimentam o mundo através de suas ações. Os estímulos que eles recebem dos adultos que os cercam são importantes para seu desenvolvimento saudável. Fowler destaca que, para os bebês, “Ainda não há “eu” e “outro”. Por todo o primeiro ano, e até os 18 meses, a criança está envolvida na gradual descentralização do eu” (FOWLER, 1992, p. 53). Com o processo de crescimento, aos poucos, a criança irá perceber que o “outro” existe e não é uma prolongação de si mesmo. Segundo Fowler,

Aos quatro meses, tipicamente, eles não procuram os objetos ocultos. “Longe dos olhos, longe da mente”. Na idade de sete ou oito meses, podemos inferir que a criança desenvolveu estruturas de pensamento que a capacitam a construir e reter uma imagem mental do objeto colocado fora do lugar (FOWLER, 1992, p. 53).

Fowler destaca que, segundo Piaget, o pensamento das crianças, nessa idade, é puramente sensorio-motor, mas já possuem a capacidade de “construção de esquemas rudimentares de espaço, tempo, causalidade e da permanência de objetos. [...] A inteligência sensorio-motora, porém, é pré-linguística e pré-simbólica” (FOWLER, 1992, p. 53). Nesse sentido, Serbena destaca que

A linguagem do corpo, dos sentidos, dos gestos e das experiências é anterior à palavra. O corpo é a primeira camada que a fé penetra antes de atingir a inteligência. Mas no coração desembarca para ficar, crescer, viver e se expressar (SERBENA, 1986, p. 34).

Quando a linguagem surge e se aperfeiçoa, a criança está pronta para o próximo estágio de desenvolvimento cogni-

tivo. De acordo com Fowler, a fé na vida do ser humano passa por 6 estágios. Cada estágio começa com uma crise / um conflito entre as possibilidades abertas pelas novas capacidades e sua possível não-integração na vida da pessoa. As crianças em fase de lactância classificam-se no pré-estágio que ele chama de “Fé Indiferenciada”.

Fowler indica que todas as pessoas começam a “peregrinação da fé” ainda quando bebês, pois nessa fase, através das relações de mutualidade, são lançadas na vida do bebê sementes de confiança, coragem, esperança e amor. Em contrapartida, o bebê sente ameaças de abandono e contradições no ambiente em que está (FOWLER, 1992, p. 106). As experiências vividas no primeiro ano de vida são determinantes para todo desenvolvimento biopsicossocial e espiritual de um bebê. Se forem positivas, contribuirão para o desenvolvimento da fé, mas, se forem negativas, prejudicarão tudo que virá, posteriormente, no desenvolvimento da fé. De acordo com Fowler,

A força da fé que surge neste estágio é o fundo de confiança básica e a experiência relacional de mutualidade com a(s) pessoa(s) que dispensa(m) os cuidados e amor primários. O perigo ou deficiência neste estágio é uma falha de mutualidade em qualquer das duas direções. Ou pode surgir um narcisismo excessivo, no qual a experiência de ser “central” continua a dominar e distorcer a mutualidade, ou experiências de negligência ou inconsistências podem encerrar o bebê em padrões de isolamento e mutualidade falha (FOWLER, 1992, p. 106-107).

Fowler afirma que as “primeiras pré-imagens de Deus” se originam neste pré-estágio. Nesse sentido, Serbena destaca que “A criança encontra Deus e a fé no próprio ambiente em que vive” (SERBENA, 1986, p. 34). Ela enfatiza que as atitudes de fé dos pais são determinantes para uma progressiva compreensão de Deus (SERBENA, 1986, p. 35). A confiança básica é criada pelos pais através dos seus exemplos:

O conhecimento de Deus é, antes, um encontro com os pais. A criança constrói, aos poucos, a imagem de Deus com os elementos recebidos dos adultos. [...] A criança percebe-se unida a Deus quando ligada aos pais. [...] A fé que deposita nos pais projeta-se para Deus. [...] A fé que a criança tem nos pais define o tipo de fé adulta para com Deus (SERBENA, 1986, p. 36-37).

O primeiro estágio, chamado por Fowler de “Fé Intuitivo-Projetiva”, abrange as crianças de 2 até 6 ou 7 anos e é descrito, por ele, como sendo uma “fase fantasiosa e imitativa na qual a criança pode ser influenciada de modo poderoso e permanente por exemplos, temperamentos, ações e estórias da fé visível dos adultos com os quais ela mantém relacionamentos primários” (FOWLER, 1992, p. 116).

Nessa fase, as crianças utilizam as novas habilidades da fala e da representação simbólica para organizar as suas experiências, fazendo com que elas tenham sentido para sua vida. Fowler salienta a grande responsabilidade que os educadores (pais, professores, cuidadores) precisam ter com a qualidade das imagens e histórias que contam como “dons e guias para a fértil imaginação das crianças” (FOWLER, 1992, p. 108, 116).

Nesse sentido, Serbena afirma que “antes dos 4 anos, Deus é assimilado pela criança, principalmente, pela maneira – certa ou errada – como os pais lhe falam dele, colocando-o em sua vida” (SERBENA, 1986, p. 14). A autora adverte da seriedade que é falar de Deus para as crianças antes dos 3 ou 4 anos. Ela salienta que o perigo é colocar na criança imagens distorcidas de Deus. A maneira inadequada de falar pode causar deformações do rosto de Deus. Ela cita exemplos como Deus vingador, Deus “vaivém”, Deus “dedo-duro” e Deus “enciclopédia” e recomenda que essas imagens de Deus não sejam colocadas no coração das crianças, e, sim, “o Deus que ama, que está sempre presente, que liberta, que se oferece, aguarda e espera sempre seus filhos no amor sem fim, na plena confiança” (SERBENA, 1986, p. 39-41). Segundo Fowler,

O dom ou força emergente deste estágio é o nascimento da imaginação, a capacidade de unificar e captar o mundo da experiência em poderosas imagens e conforme ele é apresentado em estórias que registram as compreensões e sentimentos intuitivos da criança no tocante às condições últimas da existência. Os perigos deste estágio surgem da possível “possessão” da imaginação da criança por imagens irrestritas de terror e destrutividade, ou da exploração, consciente ou não, de sua imaginação ao se reforçarem tabus e expectativas morais ou doutrinárias (FOWLER, 1992, p. 117).

Analisando tudo isso, pode-se inferir que a fé já está presente na vida dos bebês de 0 a 2 anos. AmatuZZi destaca:

No primeiro ano de vida, contudo, não tem sentido falar de uma religião pessoal, a não ser enquanto confundida com essa experiência geral de confiar. E também não tem sentido falar de algum sistema religioso a não ser em termos de religião da família, que estaria sendo passada nas entrelinhas de todos os gestos de cuidado (AMATUZZI, In: PAIVA, 2001, p. 38).

## 2. A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA FÉ NOS BEBÊS

De acordo com AmatuZZi, a partir do primeiro ano de vida do bebê, a fé religiosa se apresenta implícita à fé religiosa das pessoas significativas, da família (AMATUZZI, In: PAIVA, 2001, p. 41). Ele ressalta que “O religioso não é algo que se acrescenta ao humano como um elemento estranho. Pelo contrário, ele aparece na linha do próprio desenvolvimento, como uma exigência quase natural” (AMATUZZI, In: PAIVA, 2001, p. 49-50). Serbena salienta:

Mais valem os exemplos, o modo de ser dos adultos, do que propriamente as palavras. A criança

compreende a “linguagem de carne e sangue” observando gestos, ações, decisões e reações das pessoas. Antes de qualquer palavra, a maneira de ser e viver dos pais ajuda ou atrapalha a caminhada de fé dos filhos (SERBENA, 1986, p. 33).

Amatuzzi, analisando as teorias de Erikson e de Fowler, descreveu o que ocorre com os bebês em termos de desenvolvimento religioso:

BEBÊ: primeiro ano de vida

Desafio central: passar do sonho à realidade.

Descoberta-aceitação: de um mundo independente do eu.

Experiência básica: experiência de confiar.

Deficiência na experiência básica: levando a uma referência operativa autocentrada.

Consequência religiosa posterior dessa deficiência: impossibilidade de uma forma religiosa que afirme o objeto religioso autenticamente (a não ser que haja uma reconstrução da experiência básica).

Fé: confiança básica realizando-se na aceitação do mundo. Ou desconfiança, concretizando-se numa negação total ou prática do mundo, ou em tentativas de controle autocentrado.

Fé religiosa: não tem sentido ainda falar da explicitação de um objeto transcendente absoluto da confiança básica, a não ser como possibilidade de futura.

Forma religiosa: também ainda não tem sentido falar de uma concretização do senso religioso, a não ser como totalmente implícita na confiança básica.

Sistema religioso: religião de família, ou sistema de interpretação global do mundo, passando através dos gestos de cuidado (AMATUZZI, In: PAIVA, 2001, p. 39).

Como pode-se perceber, a importância dos pais ou provedores, no primeiro ano de vida, é essencial para que a criança

possa se desenvolver em todas as áreas, inclusive a fé. É por isso que, em muitas religiões, os pais batizam seus filhos quando bebês. A respeito disso, Serbena afirma:

Os pais querem suprir a incapacidade provisória de a criança responder, escolher e assumir tudo isso na fé. Por isso, ela é batizada na fé dos pais, amigos e parentes e de toda a comunidade. Daí, a responsabilidade imposta aos pais e à comunidade de dar à criança testemunho, experiência e convívio; enfim, condições que ela mais tarde assuma pessoalmente esse compromisso de fé (SERBENA, 1986, p. 26).

Amatuzzi, resumindo o desenvolvimento religioso da criança no primeiro estágio, fé intuitivo-projetiva (primeira infância: 1 até 6 ou 7 anos) afirma que “a partir da entrada no mundo da linguagem, a criança consegue simbolizar suas imaginações. Cria símbolos e imagens arcaicas de Deus, ligadas a sentimentos de medo, culpa e amor” (AMATUZZI, In: PAIVA, 2001, p. 35).

Essas pré-imagens de Deus, construídas na primeira infância, terão efeito sobre a vida toda. Antes mesmo de pronunciar o nome de Deus, “a criança terá sentido na pele e respirado o oxigênio da atmosfera de Deus” (SERBENA, 1986, p. 33). Jacobsen ressalta que com dois anos o bebê

[...] está conseguindo usar todos os sentidos físicos. Usa bem as mãos; anda. Sua vida emocional é variada; está começando a aprender como se expressar e como se controlar com as pessoas. Seu senso de ser amado e aceito está bem estabelecido. Estes dois anos lançaram os fundamentos de todo o seu desenvolvimento mental. Ele imita, lembra, imagina, e escolhe os meios para obter o que deseja. Começou a falar e está pronto para progredir rapidamente em sua fala. E seu rostinho já pode ser voltado na direção de Deus (JACOBSEN, 1989, p. 37).

“Voltar o rostinho na direção de Deus” é ajudar a criança a desenvolver a sua fé. É oferecer caminhos da criança para Deus. É familiarizar a criança com a fé. De acordo com Serbena,

Familiarizar a criança com a fé não é apenas falar de Deus a toda hora, rezar com ela, levá-la à igreja e ao culto, narrar-lhe os fatos bíblicos, transmitir-lhe por palavras os conceitos do catecismo. É também encaminhá-la para Deus, ensinar-lhe como deve levar a vida e responder às perguntas que a própria vida lhe faz; é dar-lhe condições de situar-se na vida com um bom objetivo (SERBENA, 1986, p. 14).

Pohier destaca: “Para progredir, pois, a fé necessita de um contato cada vez mais íntimo e vivo com a Palavra Reveladora, isto é, no Cristianismo, com a própria pessoa de Cristo, Palavra de Deus encarnada e expressão da substância de Deus” (POHIER, 1971). Indo ao encontro disso, Serbena indica algumas maneiras para que a fé das crianças seja desenvolvida e assim elas conheçam a Deus:

180

1. **Deus é percebido mais pelo afeto que pelo intelecto** - Os momentos de doçura, paz, segurança, diálogo e alegria vividos com a criança fazem com que ela se sinta amada e aceita. “É sempre num momento marcado pelo afeto, pela confiança, pelo respeito, pelo silêncio ou por um fato significativo que a criança vive, fala e percebe Deus” (SERBENA, 1986, p. 44).
2. **A experiência antes do conceito** - No relato apresentado pelos autores dos evangelhos sinóticos (Mt 19.13-15; Mc 10.13-16; Lc 18.15-17), algumas pessoas levaram as crianças para serem abençoadas por Jesus e os discípulos não queriam deixar (pois talvez considerassem que as crianças não eram importantes ou dignas da atenção do Mestre). Os evangelistas relatam que Jesus ficou indignado com eles, os repreendeu e abençoou aquelas crianças, demonstrando todo seu amor e dei-

xando clara a importância que elas têm em seu reino. Nesse relato, Jesus não faz uma pregação para as crianças, mas usa a linguagem dos gestos: toca-as, abraça-as, abençoa-as. Serbena salienta que é “a linguagem da experiência que deve estar presente antes da linguagem das palavras e dos conceitos” (SERBENA, 1986, p. 45). E são as experiências que farão a criança perceber a presença de Deus.

3. **Responder naturalmente e com sinceridade** - A partir do momento em que começam a falar, as crianças iniciam um processo de questionamentos sobre tudo que está ao seu redor e sobre tudo o que ouvem. Essas perguntas precisam “ser respondidas de maneira compreensível, natural e sincera. Respostas sensatas e responsáveis evitam que a criança forme a ideia de um Deus imaginário, irreal, fantasioso; um Deus mito” (SERBENA, 1986, p. 45-46).
4. **Os gestos são mais eloquentes do que as palavras** - Os exemplos dados pelos pais ou provedores ensinam mais do que as palavras que eles dizem. Serbena adverte que,

A maneira como tratamos a criança constitui a linguagem mais convincente através da qual ela vai formar sua primeira ideia de Deus. “A criança aprende aquilo que vive” e vive aquilo que vê. Ela aceita e acredita nos valores humanos e religiosos não tanto por aquilo que lhe falamos, mas por aquilo que fazemos. É importante fazer e não só dizer, pois o gesto é mais forte e verdadeiro do que a palavra (SERBENA, 1986, p. 46).

5. **Propor e predispor, nunca impor** - Serbena aconselha que se oportunize momentos em família em que assuntos variados sejam conversados, discutidos e avaliados. Esses momentos podem ter uma pergunta norteadora,



para qual as respostas serão as mais variadas de acordo com as idades dos integrantes da família. “Na família, proporcionar ocasiões e predispor o ambiente para refletir sobre as coisas da vida é aproximar a criança de Deus, o qual não se impõe, mas se oferece” (SERBENA, 1986, p. 47).

6. **A educação da fé é contínua** - Proporcionar o desenvolvimento da fé é uma tarefa que começa cedo, porém nunca tem fim. A fé “abre um caminho através do qual a criança aprende a interpretar suas experiências de vida, ultrapassá-las e dar-lhes um verdadeiro sentido” (SERBENA, 1986, p. 48).

Esses conselhos apresentados por Serbena são muito úteis para pais ou pessoas que desejam auxiliar os bebês a desenvolverem sua fé. É claro que é preciso adaptar a cada realidade e buscar novas ideias para que isso aconteça, mas nem por isso eles deixam de ter validade. A autora afirma que:

A aprendizagem se faz com experiência e participação. A fé, na criança, floresce por um processo semelhante, à medida que ela é levada a participar dos eventos e a manter contatos com pessoas, objetos e ambientes. [...] A fé deve evoluir na criança como a vida. Nasce informe e pequena, como o feto no ventre materno; cresce silenciosamente na obscuridade de sua pequenez, para, aos poucos, amadurecer, aparecer, resplandecer como adulto, no seio da sociedade (SERBENA, 1986, p. 49).

Sendo assim, observa-se que, além de ensinar para os bebês sobre a fé, os adultos precisam viver a fé. Suas ações precisam demonstrar a fé que professam com suas bocas. Os pequeninos tudo observam e, principalmente nessa fase, tudo imitam, sejam exemplos bons ou ruins.

Na Bíblia, o ensino da fé e sobre Deus é muito importante. O povo de Israel tinha a incumbência de ensinar aos seus filhos os mandamentos de Deus. George destaca que:

[...] desde o começo da Bíblia existe uma preocupação com o processo educativo. E os educadores são os pais. [...] instruções são dadas aos pais, porque eles eram responsáveis pela educação dos filhos. [...] A participação ativa e mesmo intuitiva da criança no culto, como a instrução dos pais quanto à educação de seus filhos, é imprescindível (GEORGE, 1993, p. 48).

O maior exemplo de vida para os cristãos, o próprio Jesus, também passou por todas as fases do desenvolvimento infantil e foi ensinado na fé de seus pais terrenos, Maria e José. Em Lucas 2.40, após Jesus ser apresentado no templo, pode-se ver que ele crescia não somente fisicamente, mas também em sabedoria e graça. Isso quer dizer que, desde pequenino, Jesus estava crescendo, não só física e cognitivamente, mas espiritualmente também. Referindo-se a esse texto bíblico, Morris afirma que “a infância de Jesus está descrita de modo breve, em termos de desenvolvimento. Havia crescimento físico, mental e espiritual” (MORRIS, 1986, p. 86).

No mesmo sentido, Davidson completa: “Ele cresceu em corpo, mente e espírito desde a infância (40), por toda a meninice e em Sua mocidade (52). Sua natureza humana era perfeita e completa em cada fase de seu desenvolvimento” (DAVIDSON, 1987, vol. 2, p. 1032). Interessante observar que os dois autores reconhecem que Jesus passou por todas as fases do desenvolvimento: físico, cognitivo e também espiritual. Se Jesus, que era Deus, foi instruído desde pequeno através das Escrituras, muito mais hoje as crianças precisam ser ensinadas através da Bíblia.

Outro grande exemplo apresentado no Novo Testamento é Eunice e sua mãe Lóide, que ensinaram Timóteo nos caminhos do Senhor desde pequeno. Spurgeon, falando sobre o texto de 2 Timóteo 3.15, afirma que:

A expressão “desde a infância” é melhor entendida como sendo “desde criancinha”. Não significa uma criança crescida, ou jovem, mas sim uma criança bem pequenina. Desde criancinha

Timóteo conheceu os escritos sagrados. Esta expressão é usada, sem dúvida, para mostrar que nunca é cedo demais para começar a preencher a mente de nossos filhos com conhecimento bíblico. Os bebês recebem impressões muito antes de ficarmos cientes do fato. Durante os primeiros meses da vida de uma criança, ela aprende mais do que imaginamos. Aprende bem cedo o amor de sua mãe, e sua própria dependência. E se a mãe for sábia, aprende o que significa obediência, e a necessidade de ceder sua vontade a uma vontade superior (SPURGEON, 2004, p. 106-107).

Além disso, no relato em que Jesus abençoa as crianças (Mt 19.13-15; Mc 10.13-16; Lc 18.15-17) fica claro que elas foram levadas por suas mães, sendo assim, eram ainda crianças de colo ou que estavam na primeira infância. Spurgeon, falando sobre a reação dos discípulos neste episódio, afirma:

É até óbvio que os discípulos pensassem que as crianças eram insignificantes demais para ocuparem o tempo do Senhor. [...] Se tivesse sido uma pessoa comum como eles, não os teriam impedido com repreensões. Mas meras crianças! Bebês nem desmamados e criancinhas! Ficava mal estarem se intrometendo com o grande Mestre. [...] “Sim”, dizem eles, “mas se deixássemos as crianças chegarem a Cristo, e se ele as abençoasse, elas logo se esqueceriam disso. Por mais amoroso que fosse o olhar dele e espirituais as suas palavras, voltariam a ser brincadeiras, e suas fracas memórias não guardariam traço nenhum disso”. [...] Mas será que os pequenos esquecem? [...] As vozes da infância ecoam durante toda a vida. O que foi aprendido primeiro é, em geral, a última coisa a ser esquecida. Aquelas crianças teriam o rosto de Jesus gravado em seu coração, e nunca se esqueceriam de seu sorriso bondoso e terno (SPURGEON, 2004, p. 42-47).

Como pode-se perceber, Spurgeon dá grande ênfase à capacidade das pessoas de terem em seu coração, em sua me-

mória, o que aprenderam quando eram criancinhas. Não se pode duvidar das experiências de fé que uma criança pode ter e das marcas que elas deixarão para toda a sua vida. Rêgo e Smith afirmam:

Existem pessoas que dizem que a Bíblia é somente para adultos e não há nada que as crianças possam entender dela, e por isso, não adianta ensinar nada a elas. [...] Mas a Bíblia é a Palavra de Deus. Assim, é um rico tesouro para nossas crianças também. [...] A tarefa das pessoas que trabalham com crianças é descobrir como comunicar as verdades que as crianças podem entender e de um modo que elas podem entender. As crianças precisam aprender de Deus e até encontrar Deus em sua Palavra (RÊGO; SMITH, 1991, p. 16).

É claro que alguns conceitos bíblicos não podem ser ensinados para os bebês em virtude de sua difícil compreensão, mas isso não dá base para se dizer que os bebês não podem aprender nada da Bíblia e sobre Deus. Muito menos que a Bíblia é só para os adultos ou que os bebês não podem desenvolver sua fé. A Bíblia é para todos, Deus pode ser conhecido por todos e a fé pode ser desenvolvida por todos, independentemente da idade.

O desenvolvimento integral da criança inclui o desenvolvimento da fé. Nesse sentido, Jacobsen afirma:

O desenvolvimento da criança não é uma série de eventos dispersos, mas sim um processo complexo, relacionado e importante em direção à meta de crescer. Pais cristãos vigiarão o lento desenrolar da personalidade de seu filho com interesse e reverência, pois verão nisso a prova sutil do plano e propósito de Deus (JACOBSEN, 1989, p. 21).

Sendo assim, pais cristãos irão criar seus filhos de acordo com a fé que professam, buscando desenvolver sua fé, aproximando-os de Deus e ensinando-lhes, através da Bíblia, o caminho que devem seguir.

Todos esses exemplos deixam claro que a fé está presente desde que o bebê nasce, através da fé dos pais. Além disso, que é possível, e que é preciso desenvolver a espiritualidade e a fé nas crianças. Silva afirma “que é desde bebê que as sementes de fé, confiança e amor são plantadas na vida delas, por meio do cuidado que recebem e da segurança que lhes é proporcionada” (SILVA, 2005, p. 5).

Portanto, a fé pode ser desenvolvida nos bebês através das relações estabelecidas primeiramente com sua família e também com as outras pessoas ao seu redor. A fé professada pela família será aprendida pelo bebê por meio dos exemplos observados e dos diálogos promovidos, seja em casa ou na Igreja. Cabe aos adultos próximos ao bebê a tarefa de desenvolver a sua fé, com muita seriedade, responsabilidade e sabedoria, sabendo que as marcas deixadas na infância provavelmente permanecerão por toda a vida.

186

Nesse sentido, Spurgeon afirmou que os ensinamentos da “infância deixam impressões definidas e distintas na mente, que permanecem depois que setenta anos já passaram”. E complementa que é preciso cuidar para “que tais impressões sejam feitas para os mais altos propósitos” (SPURGEON, 2004, p. 108).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber que o processo de desenvolvimento do bebê desde o nascimento até os 2 anos, seja fisicamente, cognitivamente, afetivamente ou espiritualmente, é bastante complexo e cheio de detalhes. Um ser completamente indefeso e dependente ao nascer se transforma em uma criança autônoma, curiosa e cheia de energia quando atinge os dois anos de idade.

Para que o desenvolvimento biopsicossocial e espiritual das crianças de 0 a 2 anos ocorra de forma integral e saudável, é preciso proporcionar condições, situações e ambientes que favoreçam que isso aconteça. Os bebês precisam ser incentivados

e desafiados a ampliar seu conhecimento em cada fase de seu desenvolvimento.

Como pode-se perceber a maior necessidade para as crianças de zero aos dois anos é sentir que o mundo é um lugar seguro e estabelecer relações de confiança básica com as pessoas que estão ao seu redor. Essa sensação de segurança e confiança geralmente vem da família e fornecem uma fundação para que as crianças desenvolvam sua fé e confiem em Deus.

Através da teoria dos “Estágios da Fé” de Fowler que fornece bases para que se entenda como ocorre esse desenvolvimento da fé na vida das pessoas, sabe-se que as crianças de zero a dois anos encaixam-se no pré-estágio “Fé Indiferenciada” (primeiro ano de vida) e no primeiro estágio “Fé Intuitivo-Projetiva” (1 e 2 anos). Destaca-se a importância da família nesses primeiros estágios para que a fé possa se desenvolver de uma forma plena e saudável.

De acordo com as contribuições apresentadas por Erikson, Fowler e Amatuzzi percebe-se que as pré-imagens de Deus formadas durante o período de zero a dois anos são determinantes para o desenvolvimento e crescimento da fé durante toda a vida. Nesse sentido, Serbena ressalta “As primeiras imagens de Deus que a criança incorpora são adquiridas na família com seus pais, e essas são as que mais permanecem” (SERBENA, 1986, p. 38).

“Fé e vida crescem juntas”. Assim se intitula o livro escrito por Serbena, que com muita propriedade identificou que não há como separar fé e vida. As duas andam juntas. Crescem juntas. É no desenvolvimento da vida que a fé se desenvolve e assim atinge sua maturidade.

Sendo assim, pode-se concluir que o desenvolvimento da fé nos bebês (zero a dois anos) acontece de forma progressiva, principalmente por meio das relações de confiança estabelecidas com as pessoas ao seu redor e através dos exemplos, mais do que das palavras, que essas pessoas dão. A fé cresce com a vida:

à medida que o bebê cresce, a fé crescerá também, se as primeiras imagens de Deus tiverem sido formadas de forma positiva em seu interior.

## REFERÊNCIAS

AMATUZZI, M. M. Esboço da teoria do desenvolvimento religioso. In: PAIVA, G. J. D. (Org.) **Entre necessidade e desejo**: diálogos da psicologia com a religião. São Paulo: Loyola, 2001. p. 25-51.

DAVIDSON, F. **O novo comentário da Bíblia**. Tradução de Russel P. Shedd. São Paulo: Vida Nova, 1987. Vol. 2.

ERIKSON, E. **Infância e sociedade**. Tradução de Gildásio Amado. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

FOWLER, J. W. **Estágios da fé**: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido. Tradução de Júlio Paulo Tavares Zabatiero. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

GEORGE, S. K. **Igreja ensinadora**: fundamentos bíblico-teológicos e pedagógicos da educação cristã. São Paulo: Luz para o caminho, 1993.

JACOBSEN, M. B. **A criança no lar cristão**. Tradução de Wanda de Assumpção. 2.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1989.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Online**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

MORRIS, L. L. **Lucas**: introdução e comentário. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Mundo Cristão, 1986.

POHIER, J. M. **Psicologia da inteligência e psicologia da fé**: o sistema de Piaget aplicado à fé. Tradução de Francisco A. C. Caetano. São Paulo: Herder, 1971.

RÊGO, S. C. B. D.; SMITH, P. J. **A criança de 0 a 3: orientação para o ensino.** Rio de Janeiro: UFMBB, 1991.

SANTANA, A. L. **O que é fé?** Infoescola, 2007. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/religiao/o-que-e-fe/>>. Acesso em: 17 Jul. 2016.

SERBENA, I. M. B. **Fé e vida crescem juntas:** para pais e educadores. São Paulo: Paulinas, 1986.

SILVA, Dehora E. G. S. D. **Eu sou assim:** programa de ensino bíblico para crianças de 0 a 3 anos. Rio de Janeiro: UFMBB, 2005.

SPURGEON, C. H. **Pescadores de crianças:** orientação prática para falar de Jesus às crianças. Tradução de Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd, 2004.